

Estabelecido ou *outsider*? Notas autoetnograficas sobre a inclusão de um praticante iniciante em uma academia de karatê na região do Cariri Oeste do estado do Ceará, Brasil

¿Asentado o novato? Apuntes autoetnográficos sobre la inclusión de un practicante principiante en una academia de kárate en la región de Cariri Oeste del estado de Ceará, Brasil

Established or outsider? Autoethnographic notes on the inclusion of a beginner practitioner in a karate academy in the Western Cariri region of the state of Ceará, Brazil

GEORGE ALMEIDA LIMA

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Brasil

george_almeida.lima@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0899-0427>

FLÁVIO PY MARIANTE NETO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Brasil

flaviomariante@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3240-9914>

DANIEL GIORDANI VASQUES

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Brasil

daniel.vasques@ufrgs.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8955-9676>

ALVARO REGO MILLEN NETO

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Brasil

alvaro.millen@univasf.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7473-423X>

Recibido/Received: 15-05-24. Aceptado/Accepted: 9-06-25.

Cómo citar/Citation: Lima, George-Almeida; Mariante-Neto, Flávio Py; Vasques, Daniel-Giordani e Millen-Neto, Alvaro Rego (2025). Estabelecido ou *outsider*? Notas autoetnográficas sobre a inclusão de um praticante iniciante em uma academia de karatê na região do Cariri Oeste do estado do Ceará, Brasil, *Ágora para la Educación Física y el Deporte*, 27, 108-132.

DOI: <https://doi.org/10.24197/71kzs128>

Artículo de acceso abierto distribuido bajo una [Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional \(CC-BY 4.0\)](#). / Open access article under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC-BY 4.0\)](#).

Resumo: A partir de uma autoetnografia pautada na observação participante, diário de campo e a experiência vivenciada pelos atores sociais, objetivou-se apresentar os estranhamentos e aproximações decorrentes da inclusão de um praticante iniciante em uma academia de karatê na região do Cariri Oeste do estado do Ceará, Brasil. As identidades dos praticantes de karatê são construídas por disposições socioculturais específicas que direcionam os participantes a terem uma coesão entre esses membros, em que os aspectos socioculturais tradicionais do karatê são aspectos fundamentais para a diferenciação desses participantes em relação a pessoas que praticam outras artes marciais.

Palavras-chave: Autoetnografia; karatê; cultura; artes marciais; etnografia.

Resumen. A partir de una autoetnografía basada en la observación participante, los diarios de campo y la experiencia vivida por los actores sociales, el objetivo del presente trabajo fue presentar las extrañezas y aproximaciones resultantes de la inclusión de un practicante principiante en una academia de kárate en la región de Cariri Oeste del estado de Ceará, Brasil. Las identidades de los practicantes de kárate se construyen mediante las disposiciones socioculturales específicas que dirigen a los participantes a establecer una gran cohesión entre sus miembros; cohesión en la que los aspectos socioculturales tradicionales del kárate son fundamentales para diferenciar a estos participantes de las personas involucradas en otras artes marciales.

Palabras clave. Autoetnografía; kárate; cultura; artes marciales; etnografía.

Abstract: From an autoethnography based on participant observation, field diary and the lived experience of social actors, the aim of this work was to present the strangeness and approximations resulting from the inclusion of a beginner practitioner in a karate academy in the Western Cariri region of the state of Ceará, Brazil. The identities of karate practitioners are constructed by specific sociocultural dispositions that direct participants to have cohesion among themselves; in this context, traditional sociocultural aspects of karate are fundamental for the differentiation of these participants in relation to people who practice other martial arts.

Keywords: Autoethnography; karate; culture; martial arts; ethnography.

INTRODUÇÃO

As práticas corporais de combate são atividades que se configuram como artefatos socioculturais inerentes à humanidade. Desde os tempos mais longínquos, o ser humano tem buscado desenvolver técnicas específicas de combate utilizando o próprio corpo e manuseando, ou não, implementos bélicos (Lima et al., 2024a). Todavia, o desenvolvimento dessas práticas não seguiu um processo linear. Segundo Lorge (2016), essas atividades são uma tradição viva, que foram ressignificadas ao longo do tempo, sendo interpretadas e adaptadas aos diversos ambientes e contextos socioculturais aos quais se inserem.

Sopesando suas distinções e pluralidades, as práticas corporais de combate são interpeladas por disposições socioculturais particulares que tipificam comportamentos e ações, gerando a coesão dos indivíduos a partir da formação de grupos sociais (Kessing e Strathern, 2014). Nesse sentido, as distintivas práticas corporais de combate possuem simbologias específicas. A exemplo: Wacquant (2002) destaca que homens praticantes de boxe demonstram seus hematomas e cicatrizes como símbolos de pertencimento do grupo; Teixeira (2011) aponta que praticantes de jiu-jitsu apresentam a deformação das orelhas como um “sinal de dedicação e experiência” (p. 361); para Lima et al. (2023), as relações entre religiosidade e práticas de boxe em países africanos, como Nigéria, Chade e Níger, são traços distintivos desses grupos, configurando-se como um símbolo de pertencimento; Passos et al. (2014) apresentam que professores e ex-lutadores de artes marciais de Curitiba/PR, Brasil, utilizam a violência e a virilidade como elementos de pertencimento a grupos de lutas.

As circunscrições simbólicas, apontadas pelos supramencionados arquétipos marciais, são construídas a partir da consolidação de tradições. As tradições, segundo Hobsbawm e Ranger (2018), consubstanciam valores, objetivos e ideias singulares que são corporificadas e materializadas nos membros desses grupos. Essa dinâmica segue normativas culturais ligadas às disposições coletivas do grupo, gerando símbolos de pertencimento. Quando um indivíduo adentra em um desses grupos, ele é impactado pelas configurações consolidadas a partir de uma construção histórico-cultural.

Pensando as artes marciais com base na sociologia figuracional de Norbert Elias, não podemos refletir sobre essas práticas sem considerarmos seus encadeamentos com os processos sociais. Nesse

sentido, a partir de reflexões macrosociais, deve-se considerar as interlocuções entre práticas corporais e sociedade, em que a estruturação das práticas corporais está conectada às transformações tecnológicas e civilizacionais das sociedades (Elias, 1994; Elias & Dunning, 2019). Norbert Elias busca romper as dicotomias entre indivíduo e sociedade, em que os indivíduos não podem ser compreendidos de maneira separada dos processos sociais, pois as relações entre os elementos configuracionais - indivíduo e sociedade - são tecidas a partir de uma rede de interdependência que considera o desenvolvimento de relações construídas na interação entre esses elementos configuracionais.

Em síntese, Souza et al. (2014) reforçam que as contribuições de Elias e Dunning para a Sociologia do Esporte se destacam tanto pela sistematização de uma teoria geral do esporte e do lazer quanto pela tentativa precisa e amplamente reconhecida de legitimar um objeto aparentemente fútil e desvalorizado na hierarquia das pesquisas em Ciências Sociais. Lima et al. (2024b), tecem reflexões sobre a importância da utilização da sociologia configuracional como um recurso para pensar sobre o campo das artes marciais. Os autores destacam que o karatê deve ser analisado a partir de processos que considerem sua continuidade, sua conformidade e a mudança dos seus padrões sociais, pois essa prática não possui um fim em si mesma, mas é impactada por elementos sociais como os conhecimentos históricos e sociais construídos ao longo dos séculos.

Reis (2021) também aponta a importância de que o campo das Ciências Sociais tome como *locus* de pesquisa o lazer e o esporte a partir das teorias de Norbert Elias. A sociedade é composta por indivíduos interdependentes, e o esporte integra os processos civilizatórios, funcionando como um dado empírico para evidenciar, a longo prazo, a "civilização" dos hábitos. Isso se manifesta, em particular, no desenvolvimento do autocontrole, na privatização dos instintos e na redução da violência, configurando uma relação orgânica, embora não determinística.

Nesse sentido, Souza e Marchi Júnior (2021) destacam que “os indivíduos estabelecem relações entre si, que alteram não só a estrutura da sociedade, mas a sua própria estrutura de personalidade (p. 9)”. Esse fato demonstra a importância das discussões propostas por Elias e Dunning (2019) para o desenvolvimento de uma Sociologia que considere os aspectos processuais do Esporte, evidenciando as diversas dinâmicas sociais.

Corroborando com o exposto, Elias e Scotson (2000) destacam que as relações sociais são impactadas por relações de poder que determinam processos de inclusão, exclusão, símbolos de pertencimento e autopercepção. Dessa forma, podemos questionar: como acontece o processo de inclusão de um indivíduo no campo das artes marciais? A partir da problemática exposta, lançaremos mão de reflexões tecidas por Elias e Scotson (2000), baseadas na teoria dos estabelecidos e *outsiders*, buscando compreender como as relações sociais e processos de inclusão e exclusão de indivíduos em grupos são materializados.

Elias e Scotson (2000) utilizam o termo “estabelecidos” para reportarem-se às pessoas com mais tempo de moradia em uma cidade denominada, de maneira fictícia, como Winston Parva, localizada na Inglaterra. Essa cidade era formada por três bairros: Zona 1, que detinha maior poder econômico; Zona 2, a aldeia; e Zona 3, o loteamento. Nessa configuração, as Zonas 2 e 3 eram compostas por operários e não havia diferenças econômicas, políticas ou culturais entre ambas, a única diferença é que os moradores da Zona 2 estavam a mais tempo no território. A partir do exposto, os autores destacam que os moradores da Zona 3 são compreendidos como indivíduos de menor valor social, passando a ser estigmatizados pelos moradores da Zona 2, que possuíam maior poder de coesão. Dessa distribuição de poder, e de seu consequente usufruto, emergiram sentimentos de pertencimento, autoridade e moral, em distinção aos moradores da Zona 3, que foram estigmatizados como “*outsiders*”, pessoas com menor valor social.

Embora Elias e Scotson (2000) tenham desenvolvido essa teoria no final da década de 1950, baseada em um estudo etnográfico em Winston Parva, na Inglaterra, suas discussões podem ser incorporadas em distintas configurações sociais, pois essas reflexões estão centradas na busca pela compreensão de como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder. Todavia, ao reportarmos essas discussões às sociedades contemporâneas, devemos ter cuidado, pois essas sociedades podem ser mais relacionais e possuir redes de interdependência com menor demarcação, em que grandes desequilíbrios na balança de poder, em muitos casos, não são perceptíveis.

A partir do exposto, faz-se necessário compreender como os agentes sociais percebem as diferenças sociais entre os indivíduos e naturalizam, ou não, estigmas e processos de exclusão a partir de uma disputa de poder no interior dos grupos. Considerando a complexidade de compreensão das relações sociais dentro dos grupos de artes marciais,

Nešković (2021) infere que esse processo suscita na aplicação de diversos métodos de pesquisa para a compreensão das singularidades que envolvem a construção sociocultural das artes marciais. Neste cerne, o universo das artes marciais torna-se alvo de áreas voltadas às ciências humanas, pautadas em estudos antropológicos, sociológicos, culturais, históricos, etc. Na esteira dessa discussão, Mariante Neto et al. (2021) também destacam que a complexidade inerente às construções socioculturais das artes marciais fez com que esse fenômeno se tornasse escopo de investigações no campo das ciências humanas, tornando-se objeto de diversificados métodos de pesquisa que buscam interpretar esses fenômenos a partir de diferentes recursos.

Desse modo, Wacquant (2002) destaca que as culturas desveladas no campo das artes marciais não são evidenciadas, exclusivamente, a partir de “uma soma finita de informações discretas, de noções transmissíveis pela palavra e por modelos normativos que existiriam independentemente de sua operacionalização, mas de um complexo difuso de posições e de gestos que, continuamente (re)produzidos” (p. 78) determinam as singularidades deste campo social. Considerando a complexidade dos campos sociais, como o universo das artes marciais, emerge-se a necessidade de uma participação intensiva nesses cenários, não apenas observando, mas vivenciando intrinsecamente as forças motrizes operacionalizadas no ambiente. Esse fato permite a apropriação dos signos emanados do campo, contribuindo para compreensão das nuances do universo investigado.

O trabalho pioneiro de Wacquant (2002), que toma como base as inferências do estudo etnográfico, buscou sentir as marcas corporais emanadas da participação intensiva nos treinos de boxe e demais eventos oriundos dessa prática, abrindo espaços para o desenvolvimento de estudos que envolvem a conexão direta dos pesquisadores com o campo investigado.

Dentre os recursos metodológicos utilizados para a compreensão desse fenômeno, emerge a autoetnografia que, segundo Santos (2017), configura-se como um processo reflexivo ligado às próprias vivências, experiências e percepções dos pesquisadores imersos em campo. Nesse sentido, a autoetnografia é um gênero da etnografia, diferindo-se pelo fato de que na autoetnografia acontece “o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa” (p. 219). Desse

modo, esse recurso considera as narrativas das experiências dos sujeitos pesquisados e também as dos que pesquisam.

No que concerne aos estudos no campo do karatê, objeto deste estudo, alguns trabalhos buscam refletir sobre as relações de gênero no karatê da Espanha, Inglaterra e Escócia (Maclean, 2019; Turelli et al., 2022a), identificar como acontecem as construções de subjetividades corporificadas no karatê na seleção olímpica feminina da Espanha (Turelli et al., 2023), investigar como as mulheres da seleção olímpica feminina da Espanha aprendem as técnicas do karatê (Turelli et al., 2022b) e compreender as relações dos homens com a dor e o sofrimento corporal como afirmações de masculinidades em Florianópolis/SC, Brasil (Turelli e Vaz, 2011). Destacamos que esses estudos foram desenvolvidos a partir de métodos etnográficos e autoetnográficos, amplificando a importância da utilização da autoetnografia neste estudo. Ademais, também apontamos que os estudos supracitados têm como base as discussões de gênero, um ponto importante, pois o fato de que, historicamente, as representações da masculinidade hegemônica, como agressividade e virilidade, tenham predominado nas dinâmicas desse campo, faz-se necessário o questionamento e o tensionamento dessas operações (Lima et al., 2024c).

A partir do exposto, podemos perceber que apenas um estudo foi realizado no Brasil, e nenhum deles na região Nordeste do Brasil, emergindo-se uma lacuna específica que nos direciona a descrever as experiências vividas no karatê em uma academia do interior do estado brasileiro do Ceará a partir da autoetnografia. Nesse sentido, este estudo objetiva apresentar os estranhamentos e aproximações decorrentes da inclusão de um praticante iniciante em uma academia de karatê da região do Cariri Oeste do estado do Ceará, Brasil.

1. A BUSCA PELAS EVIDÊNCIAS

Este estudo está pautado na autoetnografia, que segundo Santos e (2017), é um processo reflexivo de investigação que “impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação” (p. 218). Adams et al. (2011) também evidenciam que a autoetnografia descreve e analisa, de maneira sistemática, as experiências pessoais, incumbindo a compreensão das experiências culturais.

Além disso, elaborar, de maneira analítica, reflexões sobre a própria experiência, é um processo complexo que requer a utilização de instrumentos específicos para capturar evidências, como a observação participante, o diário de campo e a experiência vivida pelos atores sociais, recursos estes, que foram aplicados neste estudo. A autoetnografia, segundo Chang (2008), está ancorada em três elementos basilares denominados de modelo triádico, que nortearam esta construção. Esse processo possui: (i) orientação metodológica, cuja base é etnográfica e analítica, (ii) orientação cultural, embasada em uma dinâmica pautada na interpretação dos fatores vividos e as relações entre pesquisador/a e pesquisados/as. (iii) Orientação de conteúdo, que se baseia na autobiografia reflexiva.

Considerando esse processo, este texto é fruto de uma experiência autoetnográfica do primeiro autor, levando em conta sua memória, experiências vividas e percepções. A experiência foi vivenciada entre junho de 2023 e março de 2024, em que pude me integrar em 60 sessões de aulas. Minha função era a de aluno, em que pude construir evidências através de conversas, lutas, interações sociais, contatos corporais, lesões, etc. Ao adentrar nesse campo, as dinâmicas vivenciadas enriqueceram minhas leituras teóricas e empíricas, contribuindo para o desenvolvimento de análises mais completas e densas sobre os processos emanados neste campo social.

Inicialmente, eu senti um estranhamento no campo do karatê, uma vez que eu adquiri graduações no boxe chinês e no muay thai. Todavia, embora minhas experiências anteriores me dessem subsídios para a inserção no karatê, como o desenvolvimento de experiências ligadas as graduações, a dinâmica marcial e os aspectos socioculturais. Se por um lado, minhas experiências em outras artes marciais me deram uma base sobre o funcionamento e a dinâmica de uma academia, por outro lado, a interiorização de movimentos e percepções diferentes do karatê gerou maiores dificuldades, já que durante a prática do karatê eu apresentava “vícios posturais” provenientes de outras práticas corporais.

Dessa forma, as apropriações simbólicas dos grupos são distintas, decorrendo uma maior sensibilidade para compreender as inferências socioculturais do grupo do karatê e buscar tornar-me um nativo a partir das experiências vivenciadas. De fato, eu tentei “descascar” as camadas que envolvem as construções subjetivas e simbólicas do grupo, empenhando-me em comprovar, de maneira concreta, as nuances desencadeadas a partir de minhas experiências sensoriais.

No que concerne às reflexões sobre as dinâmicas vivenciadas neste estudo, lançamos mão das percepções de Adams et al. (2015), que embora reconheçam a complexidade da sistematização das identidades para que as percepções possam ser traduzidas em experiências, há um conjunto de elementos que devem ser considerados, como (i) experiência pessoal; (ii) apresentação das tomadas de sentido; (iii) apresentar reflexividade; (iv) apresentar conhecimentos que sejam frutos da experiência vivida. (v) descrever, apresentar e/ou criticar normas sociais e (vi) procurar respostas.

Desse modo, as evidências dispostas no diário de campo foram analisadas em consonância com as vivências e experiências práticas da minha inserção no ambiente, diligenciando a construção de reflexões. À vista disso, aconteceram os seguintes procedimentos (i) gerenciamento das evidências, que considera a organização do diário de campo; (ii) leitura panorâmica do diário de campo, a fim de desenvolver uma compreensão geral das evidências; (iii) agrupamento das notas etnográficas em temáticas específicas e (iv) proposição das evidências, que foram distribuídas em temáticas específicas.

Por conseguinte, o presente estudo está estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento, buscou-se apresentar as minhas experiências no campo do karatê. Depois, buscou-se apresentar o ambiente do karatê. Em seguida, interpretar as nuances relacionadas à minha aceitação no grupo. Por fim, apresentar elementos que impactam na minha aceitação no grupo. Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Regional do Cariri com CAAE: 64954022.2.0000.5055 aprovado pelo parecer de número 5.865.500.

2. EU SOU UM OUTSIDER?

A academia de karatê é um espaço de 12 metros de comprimento e oito de largura, fica em um primeiro andar, onde embaixo funcionam aulas de dança. Possui um armário de gesso para que os alunos e alunas guardem seu material, possui uma *makiwara*,¹ dois sacos de pancada, que ficam fixados nas paredes, dois sacos de pancada pequenos, aparadores de soco, coletes de proteção para o tórax, luvas, protetores de pé e de

¹ Makiwara é uma madeira fixada no chão, que se encontra na vertical, em que o karateca efetua soco com o intuito de aumentar a força do golpe (Barreira, 2013)

canela, cordas, cones, uma escada de agilidade. Todo o piso do dojô² é revestido por um tatame, e na parede do fundo, está desenhada uma porta, que aparenta ser a entrada de um dojô tradicional do Japão. No centro, estão pintados os cinco lemas do karatê: “(i) esforçar-se para a formação do caráter, (ii) fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão, (iii) criar o intuito de esforço, (iv) respeito acima de tudo e (v) conter o espírito de agressão” (Diário de campo, 13 dez. 2023).

O ambiente é limpo, cheiroso e agradável. O sensei é atencioso com os alunos e alunas, sempre solícito às dúvidas e dificuldades. A dinâmica das aulas é mesclada por elementos mais tradicionais do karatê, como o kata³ e kihon⁴, além de exercícios específicos para aprimoramento da técnica dos golpes. As aulas também contam com jogos e atividades mais descontraídas, fazendo com que os exercícios de aquecimento sejam mais prazerosos e contagiantes.

Com relação a utilização dos materiais, a *makiwara* nunca foi utilizada como um elemento constituinte da aula. Esse objeto é utilizado apenas por alguns alunos que realizam golpes nos momentos de descanso. Em relação aos cinco lemas do karatê, ao final de todos os treinos, o Sensei e os alunos e alunas perfilam-se em frente a parede e citam, em voz alta, as frases escritas na parede. Em seguida há uma saudação ao dojô, ao Sensei e ao aluno ou aluna mais graduado. Podemos perceber que a academia possui simbologias tradicionais que ainda vigoram na contemporaneidade, como a cortesia entre os participantes, saudação ao dojô e os rituais para iniciar e finalizar a aula, além das pinturas na parede.

O grupo é composto por 15 pessoas, quatro mulheres e 11 homens. A idade deles varia entre 10 a 32 anos. Isso impactava na interação social entre os pares. Por exemplo: havia dois faixas-roxa, mas eles não interagiam de maneira contínua, apenas em alguns momentos. Um tinha 12 anos e outro 32. Sempre o mais velho buscava dar dicas ao mais novo, evidenciando uma determinada hierarquia referente à idade, já que ambos

² Espaço em que os karatecas treinam. Possui signos relacionados à sacralização (Barreira, 2013).

³ Sequência de movimentos que envolvem técnicas de ataque e defesa, objetivando o aprendizado mais aprofundado da arte e, simultaneamente, experiência dos movimentos a partir de uma luta imaginária (Barreira, 2013).

⁴ Movimentos de defesa e ataque praticados pelo Karateca, na formação da estrutura básica da postura, bem como na execução de seus movimentos (Barreira, 2013).

tinham o mesmo nível de graduação. Na execução dos movimentos, um faixa roxa mais velho sempre realizava as atividades com o faixa marrom, e o assunto entre os faixas-roxa se restringia, na grande maioria dos casos, a dicas sobre os movimentos.

A frequência dos participantes não era contínua, poucos estavam em todos os treinos. Um faixa marrom e os faixas-roxa eram mais frequentes. A divisão dos alunos e alunas era clara. Um faixa roxa e o faixa marrom sempre faziam dupla. O nível deles, em comparação aos demais, era muito alto e era notória a diferença do nível técnico, de postura e comportamental. As mulheres sempre faziam as atividades entre si, mas sempre que uma faltava, elas interagiam normalmente com os homens. Havia outro grupo que era formado por adolescentes. Eles eram mais dispersos e sempre estavam conversando de maneira paralela à aula. Também havia um grupo de crianças, que também estavam dispersas e sempre estavam brincando de luta nos intervalos do treino e algumas vezes durante a explicação do Sensei.

Cada grupo possuía uma singularidade e estavam lá há mais tempo do que eu. Dessa forma, eu precisava me tornar um deles, um nativo do karatê. Todavia, relações de poder levantam-se nesse ambiente, uma vez que, segundo Elias (1994), o poder é um elemento pertencente às relações sociais. Desse modo, o poder é um componente intrínseco às relações de interdependência entre os indivíduos. Quando as relações possuem uma limitação de poder visivelmente demarcada, os resultados são mais previsíveis. Quando essas relações possuem maior equilíbrio, há maior complexidade nas relações, incumbindo maior imprevisibilidade ao direcionamento e apropriação dos processos sociais.

No campo do karatê, essas relações de poder consideram o nível de graduação de cada aluno e aluna, produzindo relações hierárquicas. Todavia, há uma estreita relação entre harmonia, arte, moral e cortesia, que pressupõem o desenvolvimento de obrigações morais, da harmonia e da paz, contribuindo para o desenvolvimento de relações sociais pautadas no respeito (Barreira, 2012).

Eu pensei que minha vivência em outras artes marciais facilitaria esse processo, mas algumas dinâmicas impactaram negativamente essa inserção inicial. Inicialmente, eu tive certa dificuldade para me inserir nos grupos. O primeiro ponto foi minha vivência em outras artes marciais, que impactava na realização correta dos movimentos do karatê, destoando dos demais participantes. Eu percebia olhares diferentes na hora da realização das atividades, como se meu lugar não fosse ali. Com

esse “estilo” de luta um pouco diferente das posturas do karatê, parecia que eu estava tentando ser melhor que os participantes. O segundo ponto estava relacionado às especificidades de suas interações, conversas e percepções, que estavam alinhadas às disposições particulares que inicialmente eu não tive acesso. Desse modo, podemos questionar: eu sou um *outsider*?

A teoria dos estabelecidos e outsiders de Elias e Scotson (2000) é materializada a partir do desenvolvimento de estudos que tiveram essa teoria como objeto. Nesse sentido, essa discussão sobre as relações entre grupos sociais não se desenvolve apenas no campo do karatê, mas em diversas dinâmicas sociais. Ao analisarem como os grupos sociais se formam nas aulas de educação física escolar, Muniz e Starepravo (2009), com base nas observações e na entrevista com o professor, em diálogo com a teoria de Elias, destaca-se que, nas aulas práticas, os meninos ocupam a posição de estabelecidos em relação às meninas. Contudo, em outro momento, no contexto da atribuição de notas, são as meninas que exercem poder em relação aos meninos. Dessa forma, é perceptível que os grupos exercem determinadas operações de poder entre si, em que um grupo (dos meninos) é estabelecido nas aulas práticas pela imposição física e outro grupo (das meninas) destacam-se nas atividades das teóricas.

Vieira et al. (2023) também utilizaram a teoria dos estabelecidos e outsiders para discutir sobre as práticas de racismo no futebol profissional masculino e as relações de poder que as configuram. O estudo revelou que o conteúdo dessas práticas criminosas consiste, majoritariamente, na atribuição de um distintivo de inferioridade humana ao outro. Embora existam ações punitivas contra o racismo no futebol, elas não têm ameaçado a posição social dos agressores, tampouco alterado as relações de poder que sustentam as desigualdades subjacentes à violência nesse contexto. Neste íterim, podemos perceber que as teorias de Norbert Elias são elementos fundamentais para se discutir a Sociologia do Esporte no Brasil.

Todos que compõem grupos dominantes estão sujeitos a uma sujeição às normas e valores do próprio grupo, partindo de um nível coletivo e social ao individual. Com base no pensamento de Elias e Scotson (2000), destaca-se que alguns indivíduos ou grupos que apresentam elementos distintos aos grupos dominantes são compreendidos como um potencial risco para o cumprimento das normas, valores e atribuições estabelecidas nas relações sociais. Nesse

sentido, um “corpo estranho” pode afetar o orgulho e a identidade dos membros desse grupo, o que parecia ser o caso com minha inserção no karatê.

Elias e Scotson (2000) destacam que algumas ações usadas para excluir indivíduos *outsiders* eram a utilização de fofocas, exclusão explícita do grupo estabelecido e a não ocupação em cargos mais elevados e não vivência de privilégios. Todavia, no meu caso, embora as relações estabelecidas tivessem determinada rigidez, essas ações não aconteceram, pois tive acesso a competições e graduações.

A partir de uma ótica antropológica, eu estava ali como um “diferente” (Magnani, 2023), cujas percepções, técnicas, culturas e valores eram distintos dos/as demais, inclusive, em alguns momentos, distintas das próprias dinâmicas do karatê. De certo modo, minha presença tencionava o ambiente. A inserção no campo, segundo Keesing e Strathern (2014), desencadeia uma série de desafios, pois ao buscar as evidências, o pesquisador assume alguns papéis sociais, podendo ter, na visão dos “nativos”, falas e expressões inadequadas, maus modos e intrusões na vida dos participantes. A depender da especificidade dos grupos, esses processos podem despertar ciúme e hostilidade.

Desse modo, além do fato de eu já ter praticado outras artes marciais e apresentar técnicas e dinâmicas distintas do próprio karatê, meus questionamentos e o posicionamento curioso na academia podem ter me colocado à margem dos grupos. Esse processo pode ter desencadeado o que Elias e Scotson (2000) chamam de “barreira afetiva” (p. 25), que se configura pela rigidez das relações sociais entre os grupos e indivíduos.

Inicialmente, o Sensei sempre foi minha dupla na execução das atividades em grupos. Ele me explicava as coisas de maneira minuciosa, para que eu entendesse a dinâmica dos movimentos. Em alguns momentos, quando eu realizava ataques, ele defendia com muita força e também atacava com força, muitas vezes machucando meus antebraços. Mas eu resistia e continuava. Em um dos momentos, ele falou: “tá vendo como é que defende? Aqui é diferente, tem que fazer a rotação do braço e jogar o adversário para longe” (Diário de campo, 17 jun. 2023).

Era como se o Sensei quisesse provar que a prática do karatê era melhor que as atividades que eu já tinha vivenciado. Evocava-se um sentimento de disputa entre os movimentos do karatê e as artes marciais que eu vivenciei. Nesse momento, eu era um intruso naquele ambiente. Havia uma tentativa de demonstração de força e potência do karatê. Esse sentimento também emanava dos participantes. Frequentemente eu fazia

dupla com um aluno faixa amarela. Ele sempre “pegava pesado” comigo na hora dos movimentos e queria se sobressair em todas as atividades.

Durante o alongamento, o professor colocou os alunos em dupla e pediu para que cada um pegasse na perna do outro e levantasse. Minha dupla foi um adolescente, de 17 anos. Como estou há algum tempo sem praticar, minhas articulações e músculos estavam muito rígidos e eu não conseguia subir muito a perna. Ao contrário, o aluno pedia que eu subisse a perna dele cada vez mais alto, e disse “pode subir que eu aguento” (Diário de campo, 13 jun. 23).

Era uma busca pela autoafirmação do aluno. Ele queria mostrar que o karatê era melhor, que ele era melhor. Todas as vezes que fazíamos dupla, ele chegava ao limite do seu esforço físico, o que não acontecia quando ele realizava as atividades com pessoas que detinha maior proximidade. Com os/as demais, o clima era mais leve, a tensão era menor. Eu tencionava o ambiente, fazendo emanar uma disputa de poder que buscava a autoafirmação do karatê. Essas ações não aconteciam apenas com ele, mas com um faixa roxa também:

A última parte do aquecimento foi uma movimentação em dupla, em que se deveria passar 40 segundos fazendo movimentos de ataque e defesa de maneira livre. Era um treino simples e leve, apenas para trabalhar a técnica dos golpes, mas quando fui contra um faixa roxa, ele atacou com toda força que tinha. O primeiro golpe acertou minha mão com muita força. Eu não estava esperando tanta força nesse treino, já que a orientação do professor tinha sido apenas sombra, e quando eu fui com um faixa verde, fizemos realmente a sombra (Diário de campo, 09 jul. 2023).

Percebi que apenas os dois buscavam essa auto afirmação a partir do confronto físico. Embora eu não tivesse muita interação com os/as demais participantes, na hora da execução dos movimentos, as ações aconteciam dentro dos comandos do Sensei. Apenas os dois agiam de maneira mais agressiva.

Essas ações agressivas não se desencadearam por hierarquia de faixas, uma vez que em relação ao nível hierárquico, eu estava próximo da faixa amarela, apenas o faixa roxa possuía um nível de graduação mais distante da minha. Nesse sentido, podemos considerar que as percepções a nível individual, que caracterizam a coesão dos grupos, foram fatores que contribuíram para esse processo.

No dia 17/06/2023, o Sensei anunciou a data do exame de faixa da academia, e no dia 18/06/2023 anunciou a data de uma competição que aconteceu na cidade de Crato/CE. Nas aulas subsequentes, a dinâmica da academia voltou-se especificamente para o exame de faixa, acontecendo simulações do exame, treinos intensos dos movimentos que seriam realizados no exame. Geralmente os treinos eram divididos em duas partes, o kihon e o kata. No que concerne ao campeonato, ninguém se manifestou sobre a participação, e também não houve cobranças ou estímulos, por parte do Sensei, para que os alunos e alunas participassem. Em relação ao exame de faixa, o Sensei me comunicou que eu não iria participar, pois ainda havia muitas coisas para aprender.

Por conseguinte, a competição aconteceria no dia 01/07/2023. Teríamos menos de um mês para nos prepararmos. Eu perguntei ao Sensei sobre o evento, ele respondeu que seria 80 reais a inscrição de cada categoria (i) kumitê⁵, (ii) kata e (iii) pega fita⁶. Mas teríamos que arcar com o transporte. Nesse dia eu falei que gostaria de participar do campeonato. Ele disse que também participaria: “Eu também vou, preciso trazer uma medalha para a academia, nem que eu me quebre, mas eu preciso trazer. Isso irá motivar o pessoal para participar das competições” (Diário de campo, 18 jun.2023).

Eu tinha em mente a minha participação, mas havia alguns empecilhos: (i) nenhum aluno participaria do evento, (ii) as aulas estavam voltadas, exclusivamente, para o exame de faixa e (iii) eu não tinha conhecimentos suficientes com eles para convidá-los para treinar. Esses aspectos impactam diretamente no meu desempenho dentro do evento. Ao final da aula do dia 18/06/2023, eu questionei ao Sensei sobre os treinos para o campeonato. Ele respondeu:

“Cara, aqui a galera não se liga muito nisso não. Eles querem mesmo é treinar o karatê pra aprender mesmo o karatê. Esse aqui – apontou para o faixa verde – tem muito nervosismo, faz o karatê porque gosta da arte”. O faixa verde complementa “Antes de entrar no karatê, eu estudei toda história, vi onde surgiu, estudei os contextos. Gosto muito disso tudo”. O Sensei complementou: “Aqui as pessoas não treinam para competição, aqui todo mundo tem um objetivo específico. A maioria das meninas busca a defesa pessoal [...] A galera também treina pela saúde e porque gosta dessa

⁵ Combate entre dois adversários.

⁶ Competição para crianças, em que uma precisa tirar uma fita da outra.

filosofia do karatê. O Sensei pediu licença para organizar os materiais do treino, me cumprimentou e saiu (Diário de campo, 24 jun. 2023).

No final do treino do dia 24/06/2023, eu perguntei ao Sensei se eu poderia pegar a chave da academia para treinar. Ele me deu uma cópia e disse que eu poderia ficar à vontade. Ao final do treino do dia 25/06/2023, eu pedi para fazer um treino com o professor. Fizemos um combate de cerca de 10 minutos. Foi meu único treino com alguém da academia antes da competição. Os demais participantes não faziam qualquer menção sobre a competição, é como se não existisse. Estavam focados no exame de faixa, e as aulas estavam totalmente direcionadas a esse evento. O professor também não me convidou para treinar e não deu dicas de treinos ou como a competição funcionava. Havia um total descaso de todos com esse evento.

No dia 01/07/2023 viajamos para a competição. O Sensei alugou um carro para irmos, o valor foi dividido entre nós. O professor falou que infelizmente a prefeitura municipal não tinha liberado nenhum transporte e não tinha oferecido nenhuma ajuda de custo. Em conversa informal com o Sensei, ele comentou que essa seria apenas sua quarta competição e que havia sete anos da última participação em competições, e justificou: “cara, eu faço karatê pelo karatê. Não tenho muito interesse em competição, até porque, o investimento é alto demais. Inscrição, transporte, alimentação. Por isso que muita gente não participa, e a ajuda é muito pouca, mas quero trazer medalhas para motivar o pessoal” (Diário de campo, 01 jul. 2023).

O meu intuito em participar da competição era me aproximar do grupo, o que não aconteceu, neste momento, pelo fato de não participarem da competição. Todavia, eu consegui estreitar relações com o Sensei, que parecia muito feliz por eu ter “encarado esse desafio”. O professor estava bem motivado para participar do evento. As palavras dele eram de empolgação. Eu, como era a primeira vez que participava de um campeonato de karatê, não sabia muito a dinâmica do evento, e nem as aulas eram voltadas para isso, o enfoque foi apenas no exame de faixa. Eu perguntava sobre regras, ele me explicava, mas dizia que não tinha certeza, porque fazia tempo que ele tinha participado e também não tinha estudado. Percebi que o professor, embora buscasse trazer medalhas, não tinha se preparado suficientemente para o evento.

Fizemos as inscrições e cerca de meia hora depois as academias foram convidadas a subir ao tatame para a abertura do evento. Da nossa

academia, apenas eu e o Sensei. Algumas academias tinham cerca de 30 atletas. Após a abertura, fomos informados que eu teria apenas um atleta que se encaixava no meu perfil, considerando a graduação, idade e peso. O Sensei teria que fazer duas lutas no kumitê e tinha quatro oponentes na competição de kata.

O Sensei faria a demonstração do kata primeiro, ele fez um kata de faixa preta e ficou com o terceiro lugar. Ele comentou que tinha treinado um kata específico, mas quando viu o nível dos adversários, acabou modificando o kata na hora da demonstração, o que fez ele errar um movimento. Aparentemente, ele ficou muito chateado, mas feliz por ter conseguido a medalha.

Em relação ao kumite, eu seria o primeiro a lutar, e o Sensei me passava algumas instruções como: (i) manter a distância, (ii) estudar o adversário e (iii) utilizar as melhores estratégias, e isso dependia da análise do adversário. Porém, antes de começar a luta, o árbitro percebeu que eu estava sem protetor bucal. Ele parou a luta, se dirigiu ao Sensei, que estava ao lado do tatame e falou sobre o protetor, mas o Sensei não havia trazido protetor. Então ele foi à loja que fica ao lado do tatame e comprou um protetor bucal e me deu.

Esse fato remete a falta de experiência que ele tinha em eventos. Esse aspecto pode impactar diretamente no desempenho dos atletas, e o desenvolvimento de um possível estigma em relação à academia, compreendendo-a como desorganizada.

Iniciada a luta, ela teve um *round* de três minutos, venceria quem marcasse mais pontos ao final do tempo ou marcasse 10 pontos. A luta foi muito intensa e cansativa, o meu adversário acertou quatro socos no meu tórax, não eram golpes fortes, pois no karatê não vale atacar com muita força, é apenas para marcar o golpe. Então eu comecei a acertar alguns golpes no adversário, e perceber que ele tinha a estratégia de apenas utilizar um tipo de soco específico. Porém, ao passo que eu acertava os golpes, alguns não eram computados, pois quando eu acertava o adversário, eu teria que recuar a mão até o tórax e gritar *kiai*, fazendo uma movimentação específica após o golpe. Mas eu não sabia, pois o Sensei não havia passado essa informação. Comecei a trabalhar com chutes e a combinar socos e chutes.

Eu consegui acertar um chute na cabeça do meu adversário, percebi que o ginásio todo gritou, porque aquele tipo de chute é um chute difícil de se acertar. Porém, o adversário caiu no chão com a mão na cabeça alegando que o chute foi muito forte, mas eu tenho certeza que o chute

não foi tão potente assim pra o derrubar, a panturrilha acabou tocando na nuca dele, pois estava muito próximo de mim. Os 4 árbitros dos cantos do tatame levantaram a bandeira vermelha, - que era a cor dos protetores que eu estava utilizando -, me dando os pontos. Porém o árbitro central não atendeu às reivindicações dos 4 árbitros laterais e me deu uma advertência por chute forte. Fiquei sem entender aquela situação porque eu tinha acertado um golpe. Acredito que o fato de eu não estar com protetor pode ter irritado o árbitro central, e ele ficou com um determinado viés sobre mim. Eu percebi que acertei vários golpes, mas muitos não eram computados. Eu comecei a cansar e o adversário também e o ritmo da luta começou a cair. Todavia eu já tinha acertado 2 chutes, um *Mawashi Geri* na cabeça e outro no tórax, e 4 socos no tórax. E com isso, acabei fazendo 8 pontos. O meu adversário ainda conseguiu fazer 6 pontos com o soco no meu tórax.

O árbitro finalizou a luta e eu acabei vencendo o combate. Me surpreendi pelo desempenho, não apenas pela questão técnica, mas pela questão física, pois eu estava muito tempo sem treinar para esse tipo de evento.

Cerca de meia hora depois o Sensei fez sua primeira luta. O desempenho do Sensei nesse combate foi muito bom, ele acertou diversos golpes no adversário, mas como na minha luta, alguns não foram contabilizados, devido *déficits* na sua postura após a execução dos golpes. Mas mesmo assim, ele acabou marcando sete pontos e não sofreu nenhum, ganhando a luta com tranquilidade. Foi dado 10 minutos para que o Sensei descansasse. Em sua categoria, tinham apenas 3 participantes. Como o Sensei já tinha vencido a primeira luta, classificou-se para a final, enfrentando um adversário que não tinha lutado ainda.

Passados 10 minutos, o Sensei entrou na luta. O adversário era muito experiente e marcou três pontos no Sensei. Ele parecia tenso, atacava muito e deixava espaços para o contra-ataque do adversário. O Sensei investia muito em chutes, e acabou acertando um *mawashi geri* na cabeça do adversário e marcou 2 pontos.

Percebi que isso alterou o comportamento do adversário, que começou a recuar. O Sensei acertou mais um chute do mesmo jeito e virou o placar. Eu estava como técnico. Eu pedi tempo e conversamos sobre ele manter a distância, esperar o ataque do adversário e contra-atacar com chutes. Essa estratégia deu certo, porque logo no início da luta, o Sensei defendeu um chute que lhe foi desferido e contra-atacou em seguida, acertando, mais uma vez, a cabeça do adversário. Depois

disso o adversário foi para cima de maneira desordenada, e o Sensei continuava desferindo chutes. Ele levava larga vantagem pela sua altura (1,90m), enquanto o adversário parecia ter entre 1,70 a 1,75m. Ninguém conseguiu mais acertar golpes efetivos e a luta terminou. O professor ficou muito feliz, era notória sua felicidade. “Eu nem vou tirar o kimono, vou até a cidade de kimono e com as medalhas” (Diário de campo, 01 jul. 2023), o que realmente o fez. O Sensei também falou: “Cara, nossa academia é muito boa, principalmente no kata. Se o pessoal tivesse vindo em peso, ganharíamos várias medalhas, mas nossa vitória aqui vai motivar eles. Na próxima, vamos vir com mais gente” (Diário de campo, 01 jul. 2023).

3. EU SOU UM DELES?

Nossa vitória foi muito celebrada pelo Sensei. Ele me agradeceu muito por eu ter ido ao evento e ter representado a academia. Eu percebi que ele tinha estreitado relações comigo, estava mais alegre, conversava mais, parecia mais à vontade. Ele postou fotos e vídeos no grupo de *WhatsApp* e no *Instagram* da academia. Além das fotos, ele enviou mensagens de agradecimento e enaltecimento, falando sobre minha coragem em participar de um evento que nunca havia participado, e que todos e todas poderiam participar de competições futuras. Os demais participantes também enviaram mensagens nos parabenizando.

A partir de agora eu seria um estabelecido? Eu sou um deles? Percebi que minha participação no evento, tendo representado a academia, foi um fator preponderante para a ampliação das relações sociais entre os participantes. Passei pela “prova de fogo”. Utilizei o karatê para defender nossa academia. Lutei pela nossa academia. Lutei pelas nossas percepções... Agora sou um deles? Se antes, todos cumprimentavam-me de maneira tímida, agora eles perguntam sobre a competição, sobre os adversários, sobre a estrutura do evento, sobre as estratégias que eu utilizei na luta, o nível dos atletas, etc. Esse processo também é evidenciado por Wacquant (2002), em que sua participação ativa em eventos, “defendendo” a honra da academia e a intrínseca relação entre os membros da academia, o fez ser visto como um deles, um lutador.

Com esse tempo de vivência no karatê, além de melhorar minha performance nas bases, posturas, ataques, defesas e posicionamentos, aprendi o nome de alguns golpes, o que me fez ter maior propriedade

sobre as conversas e percepções dos praticantes. A partir desse processo, houve um reequilíbrio na balança de poder, considerando as relações de interdependência. Acabei, de certa forma, me transformando em uma referência na academia, pois eu havia vivenciado algo que ninguém havia feito, participar da competição.

A partir do exposto, podemos inferir que houve uma modificação da balança de poder, desencadeando um maior equilíbrio nas relações. Esse processo acontece a partir de um aspecto relacional, em que o indivíduo externo adota proposições sociais e culturais de um determinado grupo, gerando uma coesão interna e consequentemente sua aceitação no grupo. Elias (1994) destaca que com o desenvolvimento de processos que envolvem a civilização da sociedade, há um aumento na igualdade das relações sociais e ampliação da dependência entre os indivíduos, propiciando o desenvolvimento de um determinado autocontrole que se torna cada vez mais presente, tornando-se em muitos casos, um *habitus*.

Agora somos todos nativos? O caráter relacional dos indivíduos desencadeia estreitas redes de interdependência. Elias (1994) salienta que as sociedades contemporâneas possuem processos de interdependência mais evidentes, pois as relações sociais são construídas a partir de um processo de civilização que controla as pulsões e as emoções a nível individual e social. No mesmo sentido, Elias e Dunning (2019) apontam que a ampliação da interdependência entre as pessoas e os grupos sociais acarretou modificações nas estruturas das relações sociais. Esse processo desencadeia maior controle da violência e menor hierarquização das relações sociais.

A democratização funcional contribui para o refinamento das condutas sociais a partir de um processo de civilização (Elias e Dunning, 2019). Isso posto, destacamos que há uma aproximação entre os indivíduos e suas conexões ao campo social, formando “teias de interdependência ou figurações de muitos tipos, como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados” (Elias, 2012, p. 10). Uma das ramificações dessas teias de interdependência está ligada ao campo das artes marciais, pois esse universo possui símbolos e códigos de conduta que geram uma coesão interna dos indivíduos, formando grupos sociais específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo apresentar os estranhamentos e aproximações ligadas à inclusão de um praticante iniciante em uma academia de karatê da região do Cariri Oeste do estado do Ceará, com vistas a discutir sobre os signos e simbologias que envolvem as dinâmicas socioculturais de um grupo de karatê. A utilização da autoetnografia permitiu a apropriação dos símbolos e signos arraigados ao karatê, contribuindo para interpretações sobre o fenômeno em questão.

Embora as dificuldades de inserção no campo de estudo sejam algo comum neste tipo de trabalho, alguns aspectos peculiares podem ser destacados, como (i) relações sociais rígidas entre o participante e os demais membros do grupo; (ii) olhares “diferentes” na hora da realização das atividades, como se eu não pudesse estar naquele lugar devido ao meu estilo específico de luta; (iii) agressividade dos golpes desferidos a minha pessoa, sendo que com outras pessoas que participam do grupo há mais tempo, os golpes não são efetivados de maneira agressiva; (iv) as comparações entre estilos de artes marciais, “tá vendo como é que defende? Aqui é diferente, tem que fazer a rotação do braço e jogar o adversário para longe” (Diário de campo, 17 jun. 2023). Dessa forma, ex-praticantes de outras artes marciais parecem ter maiores dificuldades para serem aceitos entre os praticantes de karatê desse grupo, por que o grupo decodifica os símbolos e signos de maneira particular, exigindo que os praticantes iniciantes incorporem a dinâmica social do grupo.

Também podemos destacar que o fato de o participante ter ido a uma competição e “defendido” a academia, o que nenhum dos demais participantes fez, pode ter sido um elemento fundamental para o reequilíbrio da balança de poder e tornar o participante “um nativo”. O tempo de vivência no grupo também fez com que o participante pudesse compreender e usufruir dos signos e símbolos emanados do karatê e das percepções individuais dos participantes desse grupo, facilitando sua inclusão. O grupo estudado tem uma centralidade em treinos voltados à exames de faixa, secundarizando competições. Esse fato foi perceptível a partir da baixa participação do grupo na competição que o Sensei anunciou, em que apenas uma pessoa inscreveu-se. Os demais, fizeram o exame de faixa, valorizando esse elemento tradicional do grupo.

Por fim, concluímos que as identidades dos praticantes de karatê são construídas por disposições socioculturais específicas que direcionam os participantes a terem uma coesão entre esses membros, em que os

aspectos socioculturais do karatê são aspectos fundamentais para a diferenciação desses participantes em relação a pessoas que praticam outras artes marciais. Todavia, a barreira afetiva que é construída nos primeiros momentos de socialização pode ser rompida a partir da aceitação às dinâmicas sociais do grupo. Também podemos destacar que os participantes não devem aceitar toda e qualquer diretriz dos grupos sociais, uma vez que as relações de poder podem desencadear estigmas. Nesse sentido, faz-se necessário o desenvolvimento de uma percepção crítica e reflexiva sobre a construção dos grupos sociais e a reverberação de suas ações na sociedade. Essa percepção crítica pode contribuir para o desenvolvimento de relações mais harmoniosas entre os elementos configuracionais.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, T. E., Jones, S. H., & Ellis, C. (2015). *Autoethnography Understanding Qualitative Research*. New York, NY: Oxford University Press
- Barreira, C. R. A. (2013). *O sentido do karate-do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas*.
- Chang, H. (2008). *Autoethnography as method*. Walnut Creek, Calif.: Left Coast.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: J. RJ: Jorge Zahar.
- Elias, N. (2012). *On the process of civilisation*. University College Dublin Press.
- Elias, N., & Dunning, E. (2019). *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Coimbra: Edições 70.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: J. Jorge Zahar Ed.
- Ellis, C., Adams, T. E., & Bochner, A. P. (2011). Autoethnography: an overview. *Historical social research/Historische sozialforschung*, 273-290. DOI: <https://doi.org/10.17169/fqs-12.1.1589>
- Funakoshi, G. (1994). *Karate-Dô: O meu modo de vida* (EL Calloni, Trad.).

Hobsbawn, E., & Ranger, T. (2018). *A invenção das tradições*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Keesing, R. M., & Strathern, A. J. (2014). *Antropologia Cultural: uma perspectiva contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lima, G. A., Vasques, D. G., & Neto, F. P. M. (2023). Dambe como prática corporal de luta africana: um estado da arte de artigos científicos. *Identidade!* 28(2), 52-75. Disponível em (acesso em: 02 br. 2024): https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/view/28822

Lima, G. A., Caldas, F. D. L., & Neto, A. R. M. (2024a). Lutas, artes marciais e esportes de combate sob o olhar etnográfico. *Cuerpo, Cultura y Movimiento*, 14(2), 59-75. DOI: <https://doi.org/10.15332/2422474X.10202>

Lima, G. A., Vasques, D. G., Mariante, F. P., & Millen, A. R. (2024b). O karatê entre espontaneidade e autoconsciência: reflexões configuracionais a partir de uma etnografia na região do Cariri cearense. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 46, e20240096. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.46.20240096>

Lima, G. A., de Brito, L. T., & Millen Neto, A. R. (2024c) Reflexões sobre as construções de masculinidades no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate. *Esporte e Sociedade*, 40(17), 1-29.

Lorge, P. (2016). Practising Martial Arts Versus Studying Martial Arts. *The International Journal of the History of Sport*, 33(9), 904–914. DOI: <https://doi.org/10.1080/09523367.2016.1204296>

Maclean, C. (2019). Knowing your place and commanding space: de/constructions of gendered embodiment in mixed-sex karate. *Leisure Studies*, 38(6), 818-830. DOI: <https://doi.org/10.1080/02614367.2019.1632919>

Magnani, J. G. C. (2023) *Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro.

Mariante Neto, F. P., Vasques, D. G., & Stigger, M. P. (2021). “se perder e der show, vai lutar de novo!” Mma e o conceito de esporte. *Movimento*, 27, e27030. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.108259>

- Muniz, E. M., & Starepravo, F. A. (2009). Grupos estabelecidos e outsiders nas aulas de educação física escolar: Avaliação e intervenção pedagógica. *Revista Eletrônica Polidisciplinar Voos*, 5(2). DOI: [10.69876/rv.v5i2.205](https://doi.org/10.69876/rv.v5i2.205)
- Nešković, M. (2021) From the Physical Body to Dynamic Embodiment: Towards an Anthropological Study of Martial Arts Body Movement. *Etnoantropološki problemi/Issues in Ethnology and Anthropology*, 16(4), 1165–1185. DOI: <https://doi.org/10.21301/eap.v16i4.8>
- Passos, D. A, Prado, R. C., Júnior, W. M., & Capraro, A. M. (2014). As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. *Movimento*, 20(3), 1153-1173. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.42829>
- Reis, H. H. B. (2021). Sociologia do esporte: Uma homenagem a Norbert Elias, Eric Dunning e Pierre Bourdieu. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 13, 10-29.
- Santos, S. M. A. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, 24(1), 214-241. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972>
- Souza, D. M., & Marchi Júnior, W. (2021). Notas introdutórias sobre a sociologia configuracional de Norbert Elias. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 8, 8-23.
- Souza, J., Starepravo, F. A., & Marchi Júnior, W. (2014). A sociologia configuracional de Norbert Elias: Potencialidades e contribuições para o estudo do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36, 429-445. DOI: [10.1590/S0101-32892014000200011](https://doi.org/10.1590/S0101-32892014000200011)
- Teixeira, A. C. E. M. (2011). Os usos do corpo entre lutadores de jiu-jítsu. *Interseções*, 13(2), 351-369. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/4620> Acesso em 02 abr. 2024.
- Turelli, F. C., Vaz, A. F., & Kirk, D. (2023). ‘I’ve Always Fought a Little against the Tide to Get Where I Want to Be’—Construction of Women’s Embodied Subjectivity in the Contested Terrain of High-Level Karate. *Social Sciences*, 12(10), 538. DOI: <https://doi.org/10.3390/socsci12100538>

- Turelli, F. C., Kirk, D., Tejero-González, C. M., & Vaz, A. F. (2022a). Performar como mujer en el kárate Olímpico: un análisis cualitativo del Mundial 2018. *Educación Física y Ciencia*, 24(2), e213. DOI: <https://doi.org/10.24215/23142561e213>
- Turelli, F. C., Vaz, A. F., Tejero-González, C. M., & Kirk, D. (2022b). 'Fighting like a girl': qualitative analysis of the gendered movement learning in the Spanish Olympic karate team. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 1-18. DOI: <https://doi.org/10.1080/17408989.2022.212594>
- Turelli, F. C., & Vaz, A. F. (2011). Lutadora, pesquisadora: lugares, deslocamentos e desafios em uma prática investigativa. *Revista Estudos Feministas*, 19(03), 895-910. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300013>
- Vieira, A. F. B., Habinoski, G., & de Freitas Junior, M. A. (2023). Violência e futebol a partir da teoria estabelecidos-outsiders: O racismo em análise. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 16(11), 25434–25456. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.11-040>
- Wacquant, L. (2002). Corpo e alma. *Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 294.